

Último desejo: que Aguiar-Branco deposite as minhas cinzas em Angola

É um protesto original e inesperado contra o ministro da Defesa: um coronel reformado usou o próprio testamento para fazer uma exigência ao governante.



CARTA E TESTAMENTO Coronel Vargas Cardoso escreveu uma missiva dirigida a Aguiar-Branco intitulada "Carta Aberta ao 'Menino da Foz' que, sem saber, chegou a Ministro" FOTO MÁRIO JOÃO.

O coronel do Exército reformado Vargas Cardoso decidiu lavrar um testamento e escrever uma carta aberta ao ministro da Defesa onde encarrega o governante de depositar as cinzas dos seus restos mortais no cemitério de Nambuangongo, Angola, onde jazem alguns militares portugueses que, nos anos 60 do século passado, em plena Guerra Colonial, teve a "honra de comandar".

Foi esta a forma encontrada por Vargas Cardoso para, aos 79 anos, manifestar a sua "profunda revolta" e "indignação" pela "falta de respeito e consideração" com que, na sua opinião, José Pedro Aguiar-Branco tem tratado "os ex-combatentes e os militares".

Os cortes nas pensões por via do agravamento dos impostos, os aumentos das contribuições para a ADM (Assistência na Doença aos Militares), a situação do Hospital das Forças Armadas, a liquidação do fundo de pensões dos militares, mas também as críticas em público ao chefe de Estado Maior da Força Aérea, em 2013 na base de Monte Real, são apenas alguns exemplos avançados ao Expresso pelo homem que realizou quatro comissões nas campanhas de África: duas em Angola e duas na Guiné.

Ciente de que os militares, como qualquer outro cidadão, têm de assumir o esforço coletivo do resgate financeiro, recusa, em absoluto, que as instituições bancárias, por exemplo, não sejam também responsabilizadas pela atual situação económica do país. "Não venham dizer que nós gastamos de mais. Os bancos é que sugeriram que comprássemos a prestações", afirma.

CARTA ABERTA AO “MENINO DA FOZ” QUE, SEM SABER, CHEGOU A MINISTRO

Em: 9 Senhor

O signatário, Coronel de Infantaria na situação de Reforma, com quatro comissões nas campanhas de ÁFRICA: ANGOLA OUT '59-NOV '61, OUT '64-JAN '67, GUINÉ JUL '68-MAI '70 E MAR '72-JUL '74, acompanhado pelos seus descendentes, faz entrega ao Sr. Maj. Gen., vosso Chefe de Gabinete, de um **Testamento Particular**, numa atitude pessoal de **indignação** e **repulsa** pela forma como o senhor vem exercendo as funções de Ministro da Defesa.

É pelos ex-combatentes e pelos militares que prestam serviço nas Forças Armadas, que tomo esta atitude.

Os muçulmanos imolam-se pelo fogo, revoltados com quem os governa de forma semelhante à que vem praticando no seu ministério: falta de respeito e consideração pelo ser humano, neste caso, os ex-combatentes e os militares.

Sou cristão e católico, logo não praticamos a incineração pública, mas **Declaro** o meu desejo de, ao partir desta vida, ser cremado. **Quero** que minhas cinzas sejam entregues à sua responsabilidade, para que o Adido Militar de PORTUGAL em Luanda, espalhe no cemitério de NAMBUANGONGO o que de mim restar, pois assim ficarei junto dos outros portugueses do meu Batalhão, falecidos em combate, cumprindo o juramento que fizeram, situação que o senhor não conhece, pois tanto quanto se saiba, **NUNCA** prestou serviço militar obrigatório.

O senhor que, em 2013, na base aérea de MONTE REAL, teve a desfaçatez de criticar o Senhor General Chefe do Estado Maior da Força Aérea, numa cerimónia militar e, na presença da formatura de militares da Força Aérea, não teve carácter para as funções de Ministro da Defesa.

Como todos os militares reconhecem, o senhor não sabe o que é o **Dever da Tutela** que um **CHEFE** deve ter para com os seus subordinados.

Muitos de nós lamentámos que o CEMFA, nessa data, não tivesse a atitude que o senhor merecia, face à sua falta de respeito para com o nosso General.

Mas como o senhor, pouco depois de assumir funções, afirmou a um General de muito prestígio **“não percebo nada disto, mas por um lado é bom: assim posso fazer as reformas”** infelizmente mostrou bem do que é capaz.

Reveja com atenção as palavras do Chefe Supremo, na Guarda, no 10 JUN; repare que o PR teve consigo uma atitude muito semelhante à sua, para com o CEMFA em 2013.

Gostou desse “passão de orelhas”, como o classificou o Prof. Marcelo Rebelo de Sousa no domingo logo após o 10 JUN?

Como o Prof. Dr. ADRIANO MOREIRA declarou na televisão, estamos a ser governados por um sistema **NEOLIBERAL REPRESSIVO**.

O senhor tem um militar com estrelas muito perto de si que, por respeito aos NOSSOS GENERAIS, não classifico com esse posto, pois trata-se, no nosso entender, do “MIGUEL DE VASCONCELOS” do final do século XX e princípio do XXI (até agora), que vem colaborando na destruição das Forças Armadas e na sua descaracterização.

Infelizmente para quem serve a PÁTRIA com coração e sentido patriótico, o seu colaborador não passa de um ambicioso e, senhor Ministro, acredite no que lhe passo a dizer:

“NO CAMINHO DE UM AMBICIOSO, SÓ EXISTE UMA VERDADE. A VERDADE É O QUE INTERESSA AO CHEFE.”

E o “MIGUEL DE VASCONCELOS” volta a ser esse ambicioso, como o foi com outro ministro da defesa do seu quadrante político, nos anos '90.

Pretendo terminar trazendo à sua memória, porque talvez o “Menino da Foz” não tenha conhecido na sua formação escolar, quem foi o Cap. MOUZINHO DE ALBUQUERQUE.

Em carta dirigida ao Príncipe D. Luís Filipe, filho de el-rei D. Carlos, e de quem o Cap. Mouzinho era **AJO**, escrevia assim algumas frases que transcrevo:

“(…) Essas poucas páginas brilhantes e consoladoras que há na História de Portugal contemporâneo, escrevemo-las nós, os soldados, lá pelos sertões de África, (...) Alguma coisa sofremos é certo: corremos perigos, passámos fomes e sedes e não poucos prostraram em terra para sempre. (...) Tudo suportámos de boa mente porque servíamos el-Rei e a Pátria, e para outra coisa não anda neste mundo **quem tem a honra de vestir uma farda.** (...)”

Como o senhor, pelos vistos, não tem a experiência do que é vestir uma farda, admito que não compreenda estas transcrições, mas elas podem ter toda a actualidade. De qualquer modo, plagiando a ideia do MOUZINHO, atrevo-me a escrever: Sr. Ministro, o 25 ABR'74 foi feito pelos **Ex-Combatentes**, que em defesa da PÁTRIA lhe devolveram a Democracia!

Sempre os soldados, ao serviço de PORTUGAL.

Para cumprir a sua afirmação “tenho respeito mais pelo que fizeram do que por aquilo que eles dizem”, o senhor então para os ex-combatentes e não tenha vergonha de os apoiar como merecem.

Por exemplo, de entre os militares que sofrem de stress pós-traumático de guerra, só pouco mais de uma centena é apoiada. **Acha isso justo?**

Julgo saber que já visitou MOÇAMBIQUE. Por acaso terá ido ao cemitério onde se encontram sepultados ex-combatentes? É seu **DEVER!** Tal como é o de cumprimentar os ex-combatentes que desfilam no 10 JUN. Em 2012 não teve a hombridade de se dirigir à bancada dos ex-combatentes que desfilaram. Eu estive lá!

Lembro o pensamento DE SALGUEIRO MAIA, que se preocupava com aqueles que, como o senhor, querem sepultar o que Aquele Nobre Militar de ABRIL ajudou a construir.

Como esta carta vai ser pública, peço a todos os ex-combatentes, em especial os do BCaç 725, BCaç 2851 e BCaç 3884 em que servi, que manifestem por qualquer modo, com a DISCIPLINA que é apanágio dos militares e ex-militares, o que sentem pela forma como nos tratam, e pela falta de respeito aos perto de 10.000 nossos camaradas, cuja memória está perpetuada no Monumento aos Combatentes, junta à TORRE DE BELEM.

Respeitemos o seu sacrifício e a dor dos seus familiares.

Aos militares no activo, espero e desejo que a vossa missão, seja devidamente dignificada e reconhecida. Vocês são verdadeiros MILITARES DE PORTUGAL.

Se partir durante o seu mandato, estou certo que vai **CUMPRIR a MINHA VONTADE.**
Ao sr. ministro apresento os meus cumprimentos

MÁRIO JOSÉ VARGAS CARDOSO
COR. INF. (Ref.)

A “Carta Aberta ao ‘Menino da Foz’ que, sem saber, chegou a Ministro”, título que deu à missiva, e o testamento foram entregues pessoalmente ao chefe de gabinete de Aguiar-Branco, general Rui Clero, a 15 de julho. “Estive a falar com o senhor general durante quase uma hora. Foi muito simpático”, lembra o coronel, reformado desde 1992. Até ao momento, não obteve resposta, mas também não espera receber. “Penso que não vai ter reação nenhuma.”

Vargas Cardoso sustenta que o tom impulsivo usado na carta, de “militarão” como lhe chama, não ofende o ministro da Defesa. Recusa, aliás, que chamar “Menino da Foz” a Aguiar-Branco, nascido há 57 anos em Lordelo do Ouro, freguesia do concelho do Porto, seja ofensivo. “Em nenhum momento sou mal-educado ou falto ao respeito ao ministro. Um furriel que esteve comigo no ultramar contou-me em tempos que, na juventude, Aguiar-Branco fazia parte da fina-flor da sociedade portuense”, recorda o coronel Vargas Cardoso.

Contactada pelo Expresso, a Associação dos Oficiais das Forças Armadas (AOFA) reconhece que não há forma legal de obrigar o responsável pela pasta da Defesa Nacional, seja Aguiar-Branco ou qualquer outro sucessor, a cumprir o último desejo do coronel Vargas Cardoso, mas que existe uma obrigação moral que, se não for respeitada, será denunciada publicamente pela AOFA.

Já Vargas Cardoso, que em junho de 2012, perante um atraso no pagamento dos complementos de reforma, levou algumas dezenas de oficiais a ponderar a devolução de condecorações, diz agora que “os filhos e a mulher estão a par do testamento” e que espera apenas que “o próximo ministro ouça os generais e fale com as associações e os militares, que não põem os problemas só por pôr”. “Ser patriota não é só ter a bandeira na lapela. É muito mais do que isso.”

Texto: Carlos Abreu

Jornal: Expresso

23/07/2014

TESTAMENTO PARTICULAR

Aos quinze dias de Abril de dois mil e catorze, **EU, MÁRIO JOSÉ VARGAS CARDOSO**, Coronel do Exército de PORTUGAL, na situação de Reformado, Contribuinte Fiscal n.º [REDACTED], portador do Bilhete de Identidade do ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO n.º [REDACTED], vitalício, emitido pelos serviços competentes do ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO, natural de LISBOA, nascido em 01 de Outubro de 1935, filho de José Maurício Cardoso e de Maria Carlota Vargas Cardoso, ambos já falecidos, pai de três filhos, todos maiores de idade, e padrinho de um afilhado de segundo casamento, também maior de idade, casado em segundas núpcias com Maria Luísa Guerra Pacheco (mãe do meu afilhado), pelo regime de separação de bens, residente na [REDACTED], em posse de perfeito juízo e em pleno gozo das minhas faculdades intelectuais, sem nenhuma interdição e livre de qualquer coação ou constrangimento, lavro o presente testamento particular, no qual exaro minha última vontade, pelas razões que a minha consciência, enquanto HOMEM e CIDADÃO MILITAR de corpo inteiro me solicita, na presença de três (3) testemunhas a seguir identificadas:

1.º - Sr. JOSE [REDACTED]
[REDACTED]

2.º - Sr. VASCO [REDACTED]
[REDACTED]

3.º - Sr. RUI [REDACTED]
[REDACTED]

Ao longo da minha vida civil de militar, fui educado e ensinado a respeitar todos os concidadãos, em particular aqueles que de forma abnegada e quicã altruísta, deram o melhor de si em prol da Pátria, que desde há algum tempo a esta parte, os Governos da Nação, em especial o actual Governo em funções, vêem de forma reiterada, mostrando uma desconsideração, desprezo e humilhação constante para com todos os que foram combatentes na chamada GUERRA DO ULTRAMAR, mormente os militares e deficientes das FA's, que pela Pátria, nós, militares de carreira e milicianos, oficiais, sargentos e praças, demos a juventude e o nosso sacrifício; sacrifício esse que se traduziu em cerca de 10.000 mortos, dezenas de milhar de estropiados e de multos milhares de ex-combatentes que carregam ainda hoje, sequelas em si próprios e nas respectivas famílias; manifesto como minha última vontade que, após o meu passamento, se proceda pela forma e maneira seguinte:

Primeiro – Que à minha morte o meu cadáver seja cremado, conforme determinação aos meus filhos;

Segundo – Que as cinzas dos meus restos mortais sejam por eles entregues a Sua Ex.ª o Senhor Ministro da Defesa do Governo de PORTUGAL;

Terceiro – Que essas mesmas cinzas sejam por sua vez entregues ao Adido Militar da Embaixada de Portugal em Angola, por ordem do Ministro da Defesa, seu fiel depositário;

Quarto – Que o Adido Militar Português junto da Embaixada de PORTUGAL em Angola, deposite as referidas cinzas no Cemitério de NAMBUANGONGO, onde jazem os restos mortais dos militares portugueses que tive a HONRA de comandar, e que ao serviço da PÁTRIA PORTUGUESA deram a vida e, em cuja zona referida, o testador foi igualmente combatente;

Quinto – Esta decisão será para ser cumprida, no mandato do actual Governo ou no de qualquer outro/s que se lhe sigam, ao chegar a minha HORA, e que procedam para com os ex-combatentes, como o actual Governo e respectivo Ministro da Defesa vem procedendo.

Nada mais tendo a lavrar, dou por encerrado o presente testamento na presença das (3) testemunhas acima identificadas, para as quais li a íntegra do que nele se contém.

Primeira Testemunha

Segunda Testemunha

Terceira Testemunha

O Testador